



VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

OS USOS DOS CADERNOS COLONIAIS PORTUGUESES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Darlene Santos Magalhães¹

Zoraide Portela Silva²

Edmar Ferreira Santos³

Resumo: Esta comunicação constitui-se de análises parciais da pesquisa intitulada “Os ‘indígenas’ de Moçambique: representações da dominação portuguesa nos Cadernos coloniais (1930-1940)”. Os Cadernos Coloniais portugueses é um conjunto expressivo de livros que abordam aspectos da presença portuguesa em África, do interesse pela geografia às culturas “indígenas”. Essas fontes serviram para divulgação das obras coloniais dos portugueses em algumas colônias da África. À medida que divulgava assuntos relacionados a administração colonial, os Cadernos Coloniais construíram e/ou reforçaram estereótipos sobre os povos africanos a partir de valores exógenos e representações amparadas em discursos racistas. Nesse sentido, o objetivo dessa comunicação é apresentar uma proposta de pesquisa-ensino acerca dos usos dos Cadernos Coloniais portugueses na educação básica. Nossa metodologia de pesquisa é a abordagem historiográfica com foco na História Cultural.

Palavras-chave: Colonialismo; Representação; Moçambique; Cadernos Coloniais; Educação básica.

Abstract: This communication consists of partial analyzes of the research entitled “The ‘indigenous’ people of Mozambique: representations of

¹ Graduação em História pela UNEB. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade pelo PPGELS (UNEB-Campus VI). E-mail: darlene-magalhaes@outlook.com.

² Graduação em Letras – Língua Portuguesa pela UESB. Mestra em Estudos Literários pela UFMG. Doutora em Estudos Comparados de Língua Portuguesa pela USP. Professora do curso de Letras da UNEB – Campus VI. E-mail: zoraideportela@gmail.com.

³ Graduação em História pela UEFS. Mestre e Doutor em Estudos Étnicos e Africanos pelo CEAO (UFBA). Professor do curso de História da UNEB – Campus V. E-mail: estudosafricanos.edu@gmail.com. É coordenador do projeto de pesquisa “Leituras de África e da Diáspora: Explorando perspectivas para o uso da Literatura na Pesquisa e no Ensino de História”, associado ao Núcleo de História Social e Práticas de Ensino (NHPE).

Portuguese domination in Colonial Notebooks (1930-1940)". The Portuguese Colonial Notebooks is an expressive set of books that address aspects of the Portuguese presence in Africa, from interest in geography to "indigenous" cultures. These sources served to publicize the colonial works of the Portuguese in some African colonies. As they disseminated issues related to the colonial administration, the Colonial Notebooks constructed and/or reinforced stereotypes about African people based on exogenous values and representations supported by racist discourses. In this sense, this communication aims to present a research-teaching proposal about the usages of Portuguese Colonial Notebooks in basic education. Our research methodology is a historiographical approach with a focus on Cultural History.

Keywords: Colonialism; Representation; Mozambique; Colonial Notebooks; Basic education.

Introdução

Esta comunicação constitui-se de análises parciais da pesquisa de mestrado intitulada "Os 'indígenas' de Moçambique: representações da dominação portuguesa nos Cadernos Coloniais (1930-1940)" e tem por objetivo apresentar uma abordagem de pesquisa-ensino sobre os usos dos Cadernos Coloniais portugueses na educação básica.

Acreditamos que os professores de história, de uma forma geral, enfrentam desafios em suas práticas, e esses desafios são ainda maiores quando se trata de estudar temas relacionados à história africana, visto que o livro didático ainda hoje tem uma abordagem eurocêntrica e não valoriza as experiências e a história do continente africano nos manuais escolares.

São poucos os temas voltados para a África, de modo que, quando o aluno sai do ensino médio, tem pouquíssimo conhecimento sobre essas questões. Não são raras as vezes em que as abordagens feitas na sala de aula ainda são carregadas de estereótipos e representações negativas sobre a África e o africano. Somado a isso, temos o papel negativo das mídias que reforçam os estereótipos e mostram uma África estagnada na história. Parte desses estereótipos é fruto de uma perspectiva histórica pautada no eurocentrismo.

O conceito de eurocentrismo é um tanto complexo. Nesse sentido, Marta Araújo e Silvia Rodriguez Maeso (2016) apontam que os manuais escolares que simplificam as narrativas sobre determinados povos e lugares estão fundamentados em discursos de poder. As autoras consideram que "o

eurocentrismo é um paradigma global de produção e interpretação do conhecimento que se tornou hegemônico” em suma, “os manuais escolares devem ser analisados como textos raciais e, portanto, políticos” (Araújo; Maeso, 2016, p. 19).

Os sistemas educativos em articulação com os manuais escolares reforçam a inferioridade do negro e mostram a excepcionalidade da Europa como sinônimo de poder. Nesse sentido, é preciso considerar que “a educação se dá na intersecção de processos e lutas políticas, culturais, sociais e econômicos” (Araújo; Maeso, 2016, p. 24).

O eurocentrismo não é apenas um etnocentrismo, mas um discurso de poder que naturaliza narrativas que colocam a Europa atrelada à ideia de racionalidade e modernidade. Em resumo, o eurocentrismo é um padrão para interpretar o passado, o presente e o futuro (Araújo; Maeso, 2016).

A abordagem sobre as temáticas africanas na educação básica representa um passo importante para a construção de uma sociedade pautada na valorização de nossa diversidade, pois, durante muito tempo, a história privilegiou a narrativa eurocêntrica. Dessa forma, fomos criados num contexto escolar que falava pouco, ou quase nada, sobre as temáticas africanas.

Nesse sentido, é importante trazer narrativas com múltiplos olhares e múltiplos sujeitos, pois só assim estaremos construindo um conhecimento mais plural e reconhecendo o passado e o legado de homens e mulheres que construíram nossa nação. Em suma, refletir sobre as temáticas africanas é refletir sobre nossa própria história.

Essa experiência de pesquisa-ensino foi inspirada em uma metodologia de pesquisa que utiliza a Literatura como fonte na pesquisa e no ensino. Nesse sentido, os Cadernos Coloniais trazem temas diversos sobre as sociedades africanas no contexto colonial e são fontes potenciais para as pesquisas envolvendo essas temáticas⁴.

Metodologia

⁴Essa metodologia é desenvolvida desde 2012 pelo Prof. Dr. Edmar Ferreira Santos, no curso de História do DCH (UNEB-Campus VI).

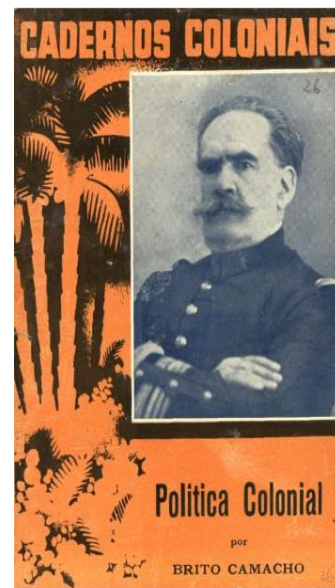
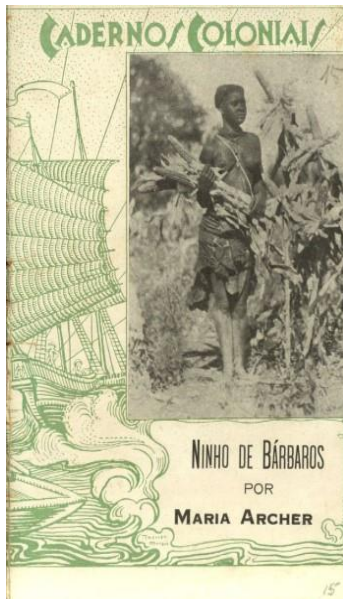
Nossa metodologia de pesquisa é a abordagem historiográfica, que focaliza a História Cultural, pois a pesquisa trata-se de estudar representações construídas no contexto imperialista. Conforme Chartier (1988) e Said (2011), as lutas de representações têm poder nas constituições das imagens de povos e de suas práticas sociais. Chartier (1988, p. 16) diz que “a história cultural tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Resultados e discussão

A execução da pesquisa nos Cadernos Coloniais segue os passos a seguir: leitura e coleta dos dados referente ao tema dentro dos cadernos e, por fim, uma sistematização dos dados em tópicos. Agora faremos uma demonstração de como pesquisar um tema nessas fontes.

Tema 1: “*A representação dos africanos nos Cadernos Coloniais portugueses*”, a partir dos Cadernos Coloniais “Ninho de bárbaros” e “Política colonial”. Primeiramente é necessário fazer uma breve biografia do autor de cada caderno. Em seguida, será pesquisado os seguintes tópicos: Processo de animalização dos povos africanos; A suposta inferioridade dos povos africanos fundamentada na raça e no racismo.

Figura 1: Cadernos coloniais.



Fonte: Memórias da África e do Oriente (Site).

Maria Archer (1899-1982): Escritora e jornalista portuguesa de temáticas coloniais. Transitou entre o romance, o ensaio e a dramaturgia. A escritora teve sua vida marcada pela conexão Portugal-África e chegou a viver 14 anos no continente africano. A autora tem uma vasta bibliografia e foi a única mulher a publicar na coleção dos Cadernos Coloniais.

Manuel de Brito Camacho (1862-1934): Médico-militar, jornalista, político, publicista e escritor português. Formou-se em Medicina, mas sempre preferiu a política e a escrita; exerceu o cargo de Alto Comissário de Moçambique de 1921 a 1923. Camacho acreditava que as populações africanas eram inferiores culturalmente

Processo de animalização dos povos africanos

Trabalham pouco as gentes deste país ditoso e prodigo de raças, onde campeia a nirvânica indiferença pelas necessidades de conforto. A vasta região da floresta é seio mater, e alimenta; é ninho fraterno, e agasalha. Nas árvores encontram frutos para comer, e cascas de troncos para vestir, quando o tempo esfria, cobrejões rudes em que se enrolam e com que se abafa. (Archer, 1939, p. 26)

Os povos africanos eram representados com traços físicos exagerados, cujo objetivo era associar esses povos a sujeitos primitivos e um

símbolo da barbárie. No fragmento, a autora enfatiza o estilo de vida dos africanos próximo à natureza e sua distância com a “civilização”. Em suma, viver na natureza era um sinal de atraso e selvageria. Um dos mitos mais perpetuados sobre os povos africanos foi o processo de animalização.

A suposta inferioridade dos povos africanos fundamentada na raça e no racismo

O fato histórico é ter-se civilizado a raça branca e não estar civilizada a raça negra; mas a ciência não fornece sólidas razões para se negar à raça negra a necessária e suficiente capacidade para assimilar a nossa civilização acertando o passo conosco na marcha para o futuro (...)Inferioridade, superioridade de raças? O conceito positivo, naturalista, verdadeiramente científico, parece-me ser este – raças civilizadas e raças por civilizar; raças que evoluíram e raças que estacionaram (...). (Camacho, 1939, p. 16)

Segundo o discurso colonial, a colonização era uma obra necessária aos povos africanos, pois eles eram sujeitos preguiçosos, imersos em suas superstições e vícios. Dessa forma, a colonização era uma forma de tirar esses sujeitos do ócio e implantar um estilo de vida de acordo com o ritmo capitalista. A ideia de civilidade e progresso também estava associada aos novos hábitos das pessoas nativas. Segundo o pensamento colonial difundido pelos Cadernos Coloniais, civilidade e progresso estavam atrelados a adotar a cultura branca, europeia e cristã.

Segundo a ideologia imperialista, os povos africanos eram naturalmente e culturalmente inferiores ao europeu, por isso a propaganda colonial difundida por meio dos Cadernos Coloniais construíram imagens de que as culturas africanas eram atrasadas. Conforme o discurso racista presente na política colonial, a cor e os traços físicos dos povos africanos eram indícios de inferioridade racial. Em suma, raça e racismo estavam na base da organização da sociedade dos mundos colonizados.

Considerações Finais

Acreditamos que essas fontes permitem reflexões de diversas questões envolvendo a temática do colonialismo em Moçambique-África. Em suma, essa experiência de ensino-pesquisa permite trazer uma abordagem

que possibilita explorar os Cadernos Coloniais na educação básica, na medida em que diversifica o processo de ensino/aprendizagem aproximando os campos de pesquisa/ensino.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Marta; MAESO, Sílvia Rodríguez. Eurocentrismo, raça e a produção da História. *In*: ARAÚJO, Marta; MAESO, Sílvia Rodríguez (Orgs). **Os contornos do Eurocentrismo**. Portugal: Edições Almedina. S. A, 2016.

ARCHER, Maria. **Ninho de bárbaros**. Portugal: Edições Cosmos, 1939.

CAMACHO, Manuel de Brito. **Política colonial**. Portugal: Edições Cosmos, 1939.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Memória e sociedade. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Brasil: Companhia das Letras, 2011.